



COMO SE FAZ?

INICIANDO A PRÁTICA CLÍNICA EM PSICOLOGIA:

*da atuação profissional
aos fundamentos de gestão*







INICIANDO A PRÁTICA CLÍNICA EM PSICOLOGIA:

*da atuação profissional
aos fundamentos de gestão*

AUTORAS

Gabriela Barreto Santos Costa
Viviane Valença de Resende

SANAR



© Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos à Editora Sanar Ltda. pela Lei nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume ou qualquer parte deste livro, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, gravação, fotocópia ou outros), essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas, sem permissão expressa da Editora.

Título		Iniciando a Prática Clínica em Psicologia: da atuação profissional aos fundamentos de gestão.
Editor		Fernanda Fernandes
Projeto gráfico e Diagramação		Editorando Birô
Capa		Fabício Sawczen
Edição de Texto		Editorando Birô
Conselho Editorial		Caio Vinicius Menezes Nunes Itaciara Larroza Nunes Paulo Costa Lima Sandra de Quadros Uzêda Silvio José Albergaria da Silva

Dados Internacionais de Catalogação-na- Publicação (CIP)

C735 Como se faz? iniciando a prática clínica em psicologia / Gabriela Barreto, Viviane Resende, coordenação geral. – Salvador : SANAR, 2019.
137 p. ; 14x21 cm.

ISBN 978-85-5462-154-4

1. Psicologia clínica. 2. Psicologia - Código de ética. 3. Psicólogo - Atuação profissional. I. Barreto, Gabriela, coord. II. Resende, Viviane, coord. III. Título: Iniciando a prática clínica em psicologia.

CDD: 157.9

Elaboração: Fábio Andrade Gomes - CRB-5/1513

SANAR

Editora Sanar Ltda.

Rua Alceu Amoroso Lima, 172
Caminho das Árvores,
Edf. Salvador Office & Pool, 3º andar.
CEP: 41820-770, Salvador - BA.
Telefone: 71.3052-4831
www.editorasanar.com.br
atendimento@editorasanar.com.br



AUTORAS

GABRIELA BARRETO SANTOS COSTA

Psicóloga, graduada pela Faculdade Ruy Barbosa, com formação clínica complementar na abordagem da Psicanálise com ênfase no atendimento de crianças e adolescentes pelo NAPSI, especialista em Saúde Mental Coletiva pela Faculdade Ruy Barbosa. Possui formação em Coach pela Sociedade Latino Americana de Coaching (SLAC) e é Facilitadora da metodologia Lego® Serious Play® pela Strategic Play Brasil. Atualmente, é pós-graduanda em Psicologia Positiva pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), e em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Estácio de Sá. Atua há 7 anos como Sócia Diretora (Responsável Técnica) da Volare Desenvolvimento Humano, e possui 10 anos de experiência clínica na área infanto juvenil.

VIVIANE VALENÇA DE RESENDE

Psicóloga graduada pela Universidade Salvador, com formação clínica complementar na abordagem da Terapia Familiar Sistêmica e Aprimoramento em Práticas Colaborativas e Construcionismo Social pelo Instituto Humanitas de Intervenção e Pesquisa em Sistemas Humanos. Atualmente, é Pós-graduanda em Saúde Mental pela Universidade Ruy Barbosa e foi uma das autoras do livro "Casos Clínicos em Psicologia", publicado, em 2019, pela Editora Sanar. Na clínica, atua como Psicoterapeuta Sistêmica de crianças, adolescentes, adultos e famílias.





PREFÁCIO

Em uma pesquisa realizada em 2016, perguntou-se aos profissionais graduados em Psicologia se eles exerciam, de alguma maneira, a profissão e, se sim, qual era sua **atividade principal** nesse contexto. Dos 74% que relataram exercer a Psicologia, **34%** apontaram o consultório particular como sua atividade principal, ou seja, aquela que lhes proporcionava a maior parte da renda, enquanto que o restante se dividiu em outros contextos de atuação, como organizações públicas e privadas, hospitais, escolas, entre outros.¹

Se parmos para pensar, no cenário da clínica, o valor de 34% pode ter uma representatividade ainda maior, pois abre-se a possibilidade para que parte daqueles que mencionaram outras atividades possa também conciliá-las com a clínica de alguma forma.¹

Junto a isso, essa pesquisa também nos mostrou o efeito dos convênios e planos de saúde na prática dos Psicólogos Clínicos, que passaram a se ver como **prestadores de serviço de saúde**, bem como o impacto que isso apresentou sobre seus rendimentos.¹

Isso nos mostra que temos vivido uma mudança de paradigmas em relação à prática clínica em Psicologia. O que, até pouco tempo atrás, era visto como algo elitista e que exigia um investimento alto, tanto para o paciente quanto para o Psicólogo, hoje tem ganhado espaço e se mostrado como uma possibilidade para muitos.

Além do mais, a clínica tem nos mostrado que, ao contrário do que estamos acostumados a ouvir, a Psicologia pode, sim, dar dinheiro! Se bem exercida e gerenciada, a prática clínica pode se apresentar como algo muito rentável para nós, Psicólogos.





Por isso, tivemos a ideia de reunir nesse livro tudo aquilo que você, Psicólogo ou estudante de Psicologia, precisa saber para iniciar ou se consolidar ainda mais na área clínica. Para ficar mais fácil, decidimos dividi-lo em duas partes: na primeira, você verá aspectos da **Atuação Profissional**, e, na segunda parte, serão abordados os aspectos de **Gestão**.

No capítulo 1, iremos iniciar falando do *Primeiro Atendimento*, motivo de ansiedade até mesmo para os Psicólogos mais experientes. Por isso, abordaremos o que deve ser feito nesse primeiro momento, como avaliar a demanda do paciente e o estabelecimento do contrato terapêutico.

No capítulo 2, serão abordados alguns aspectos importantes para a *Condução do Processo Psicoterapêutico*, como os principais desafios e dilemas éticos da prática clínica e os principais documentos psicológicos, com base na nova **Resolução do CFP 06/2019**.

Para fechar a parte 1, falaremos, no capítulo 3, sobre *Como se Aperfeiçoar Continuamente Enquanto Psicólogo Clínico*, trazendo a importância das formações, supervisão e terapia para a prática clínica, bem como a diferença entre elas.

O capítulo 4 dará início à Parte 2, descrevendo os *Primeiros Passos* que você precisa saber para iniciar na clínica, como qual o melhor espaço para atender e as modalidades de atendimento (particular, social ou convênio).

No capítulo 5, iremos falar sobre a importância e as limitações do *Marketing e Divulgação* para os Psicólogos, as melhores estratégias e o uso das redes sociais.

E, para fechar com chave de ouro este livro, no capítulo 6, abordaremos os aspectos mais importantes de *Contabilidade e Finanças*, trazendo conceitos como precificação, fluxo de caixa, faturamento médio mensal, dentre outros, com uma aplicabilidade prática para você.

Mas não para por aí! Decidimos também trazer o **Código de Ética Profissional do Psicólogo** na íntegra para que você possa consultá-lo no decorrer dos assuntos abordados neste





livro, ou em qualquer outro momento de dúvida na sua vida profissional!

Assim, esperamos que o conteúdo desse livro possa te ajudar nessa jornada tão linda e desafiadora que é a prática clínica, fazendo com que você se sinta ainda mais seguro e preparado para conduzi-la. Pensando nisso, ao final de cada capítulo, você irá se deparar com um **Desafio**, abordando os pontos mais importantes do que foi discutido. No final do livro, você irá encontrar a resposta de todos os desafios. Só não vale olhar antes de responder, viu?

Ansioso para começar logo? Então, vamos lá! Esperamos que você goste e se sinta ainda mais motivado para iniciar (ou continuar) sua prática clínica, da atuação profissional aos fundamentos de gestão!

REFERÊNCIAS

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIO-ECONÔMICOS - DIEESE. Levantamento de informações sobre a inserção dos psicólogos no mercado de trabalho brasileiro: Relatório final de análise de dados. São Paulo, 2016.







SUMÁRIO

PARTE 1: ATUAÇÃO PROFISSIONAL

1. O primeiro atendimento	15
1.1 o que deve ser feito no primeiro atendimento?	15
1.2 A entrevista inicial com os pais e com a criança	18
1.2.1 Entrevista com os pais.....	18
1.2.2 Entrevista com a criança.....	21
1.3 Como avaliar a demanda do meu paciente.....	24
1.4 Como deve ser estabelecido o contrato terapêutico	26
2. A condução do processo psicoterapêutico.....	31
2.1 Quais os principais desafios e dilemas éticos da prática clínica..	15
2.2 Declaração, atestado, relatório, laudo Ou parecer?	
Quando e como usar cada um?.....	15
3. Como me aperfeiçoar continuamente enquanto psicólogo clínico	55
3.1 A tríade da formação do psicólogo clínico	55
3.2 Psicoterapia x supervisão	60
3.3 O papel da supervisão na prática clínica	65

PARTE 2: FUNDAMENTOS DE GESTÃO

4. Os primeiros passos.....	73
4.1 O que eu preciso para iniciar na clínica?.....	73
4.2 Qual o melhor espaço para atender?	78
4.3 Atendimento particular, social ou por convênio, como funciona?	82





5. Marketing e divulgação 89

5.1 Psicólogo pode fazer propaganda? 89

5.2 quais são as melhores estratégias de Marketing para divulgação das atividades Dos psicólogos? 92

5.3 Como utilizar as redes sociais para divulgar meu trabalho?... 95

6. Contabilidade e finanças..... 103

6.1 Precificação: como e quanto cobrar? 103

6.2 Como lidar com a instabilidade e sazonalidade da clínica?... 109

6.3 Finanças pessoais x finanças profissionais 111

PARTE 3: CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO

Código de Ética Profissional do Psicólogo 119

PARTE 4: RESPOSTAS DOS DESAFIOS

Desafio 1 131

Desafio 2 132

Desafio 3 134

Desafio 4 134

Desafio 5 135

Desafio 6 136





PARTE 1

ATUAÇÃO PROFISSIONAL







CAPÍTULO 1

O PRIMEIRO ATENDIMENTO

“Para uma terapia terminar adequadamente é necessário que ela comece adequadamente”¹

O que você irá ver nesse capítulo:

- ✓ O que deve ser feito no primeiro atendimento?
- ✓ A entrevista inicial com os pais e com a criança
- ✓ Como avaliar a demanda do meu paciente?
- ✓ Como deve ser estabelecido o contrato terapêutico?

1.1 O QUE DEVE SER FEITO NO PRIMEIRO ATENDIMENTO?

Na prática clínica, um primeiro atendimento pode gerar ansiedade até mesmo para os Psicólogos mais experientes, pois são inúmeras as variáveis e possibilidades de pacientes e demandas com as quais podemos nos deparar. Mas não se preocupe, apesar de não funcionar como uma receita de bolo – já que cada paciente é único em sua totalidade –, existem algumas dicas que podem te ajudar a saber como conduzir da melhor maneira esse momento.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que são diversos os fatores que precisam ser considerados quando se fala em um primeiro atendimento, como o lugar, os honorários, os envolvidos e as





CAPÍTULO 1

delimitações necessárias ao início do processo psicoterapêutico. Todos esses pontos serão abordados ao longo deste livro, alguns deles em outros capítulos, como a definição do espaço ou a cobrança dos honorários.

No entanto, o que devemos ter claro, nesse momento, é que, apesar de encontrarmos pouco material que aborde o primeiro atendimento em sua complexidade, é nesse primeiro contato entre paciente e Psicólogo que o vínculo terapêutico começa a se formar e poderão ser traçados os caminhos desta relação, pois ambos se encontram em um processo de escolha mútua. De um lado, o paciente, que chega ao consultório com suas histórias de vida, expectativas, frustrações e queixas, e, do outro, temos o Psicólogo, com sua disponibilidade, experiência (quando já a tem), embasamento teórico e todos os problemas da vida de qualquer ser humano.²

Assim, devemos considerar que o processo psicoterapêutico se inicia já no primeiro contato por telefone, quando o paciente decide buscar por um Psicólogo. Por isso, é importante que você se atente a alguns pontos nesse momento, como para quem é a terapia, quem serão os envolvidos e qual a disponibilidade para marcação das consultas.

Chegando na sessão, existem alguns passos que podem ser seguidos para que você não deixe nada passar. O primeiro deles é simples, mas não menos importante! Ele é denominado por Haley¹ como *fase social*, pois é nesse momento que você vai se apresentar e pedir ao paciente que ele também se apresente, deixando-o à vontade, sem, no entanto, adentrar no problema e nos motivos pelos quais ele está buscando a terapia. Nesse momento, é importante que você busque conhecer a vida do paciente, o que ele faz, com quem mora, se tem irmãos, filhos, se é casado, se já fez terapia anteriormente, se faz uso de medicações etc. A escuta atenta é algo fundamental, bem como o interesse genuíno sobre a vida do paciente.

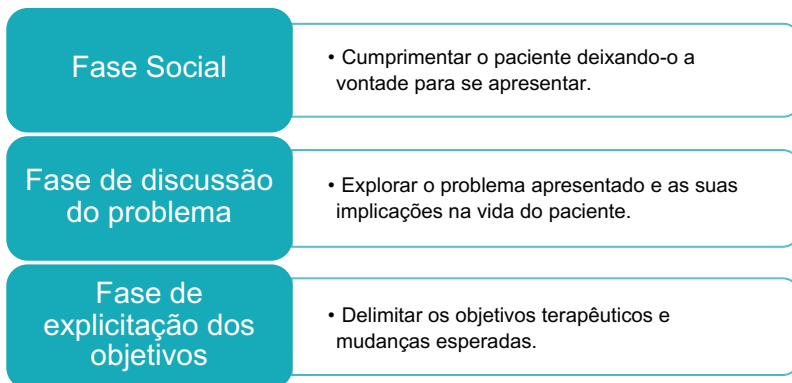
Depois de passada essa fase inicial, você irá adentrar na *fase de discussão do problema*¹, na qual irá investigar, junto ao paciente, o que o fez recorrer à terapia, buscando entender um pouco



mais o problema apresentado e as suas implicações na vida dele, proporcionando sempre um espaço acolhedor e respeitoso onde suas demandas sejam devidamente consideradas³. O mais importante, nessa fase, é que você busque fazer perguntas que o auxiliem a explorar o problema e o seu significado para o paciente. Se o paciente diz, por exemplo, que tem se sentido ansioso, cabe perguntar “como é essa ansiedade?”, “quais os impactos dela em sua vida?” ou “em que momentos ela mais aparece?”. Perguntas como “há quanto tempo isso tem ocorrido?” ajudam a historiar o problema e buscar possíveis correlações.

Por fim, após explorado o problema, devem ser especificados os objetivos e as mudanças que o paciente está buscando com o processo psicoterapêutico, o que consiste na *fase de explicitação dos objetivos*¹. Você pode fazer perguntas como: “de que forma você acredita que a terapia pode te ajudar?” ou “quais mudanças você espera alcançar com esse processo?”. Nesse momento, é importante que você também explique como funciona o processo psicoterapêutico, esclarecendo possíveis dúvidas, principalmente se for a primeira vez do paciente. A partir disso, será estabelecido o contrato terapêutico, o qual falaremos mais a diante.

Para facilitar seu entendimento e aplicação, o fluxograma abaixo irá ilustrar esse passo a passo, então fique ligado!



Fonte: Barreto e Resende (2019)

Nesse primeiro tópico, você viu algumas dicas importantes sobre o que deve ser feito em um primeiro atendimento, certo? No entanto, precisamos considerar que, no que se refere aos envolvidos, existem distinções quando esse primeiro atendimento ocorre com crianças ou adolescentes. Pensando nisso, no próximo tópico iremos abordar as especificidades do primeiro atendimento com os pais e com a criança, denominado por muitos profissionais como entrevista inicial.

1.2 A ENTREVISTA INICIAL COM OS PAIS E COM A CRIANÇA

Quando se fala em atendimento com crianças, devemos nos atentar às possíveis fontes de encaminhamento, como os próprios pais, os médicos e pediatras ou a escola. Por isso, é importante que os primeiros atendimentos sejam realizados apenas com os pais ou responsáveis a fim de entender o motivo pelo qual estão buscando um psicólogo, levantando o histórico clínico e familiar, bem como outros dados importantes, sem a presença da criança para evitar exposições.

Por isso, esse momento inicial deve ser dividido em duas etapas: a *entrevista com os pais* e a *entrevista com a criança*. Iremos descrever ambas a seguir, trazendo algumas questões fundamentais que vão te ajudar a entender a criança e seu contexto de vida.

1.2.1 A ENTREVISTA COM OS PAIS

Para que possamos ter maiores dados para compreender a história de vida e a sintomatologia da criança, há uma necessidade, nos primeiros encontros, de entendermos um pouco mais sobre o contexto em que ela vive, e, de preferência, sob os diferentes olhares das pessoas que o cercam. Essas informações servirão como suporte para que possamos entender a

demanda, facilitando, assim, a compreensão do caso e as possíveis estratégias de intervenção. Desta forma, sugerimos que, antes de iniciar os atendimentos com a criança, sejam realizadas sessões com os pais e/ou responsáveis, atentando-se aos itens abaixo:

- **Identificação:** Recomendamos que, em um primeiro momento, seja feita uma apresentação inicial, tanto por parte do profissional quanto dos pais, buscando compreender dados como nome, idade, escolaridade, contato etc. Vale também questionar se a criança já passou por algum tipo de acompanhamento terapêutico, o motivo, quanto tempo e por que interrompeu, assim como se faz uso de alguma medicação.
- **Demanda:** Passada a fase social, deve-se buscar compreender a demanda, isto é, o motivo pelo qual os pais estão recorrendo à psicoterapia. Cabe, nesse momento, questionamentos sobre quais são os sintomas apresentados pela criança, quando surgiram ou foram observados, o que foi feito após essa observação, qual a percepção da criança sobre esses sintomas, como ela e os pais lidam com essa situação e se conseguem perceber algum fato relacionado ao surgimento dos sintomas, buscando traçar um histórico de quais os fatos e quando ocorreram.
- **História de vida da criança:** Após entender a demanda que motivou a procura pela psicoterapia, deve-se investigar temáticas que perpassem pela vida da criança, como:
 - **Nascimento e Desenvolvimento:** buscar compreender como foi o período pré-natal e perinatal, se houve planejamento para o nascimento do filho(a) e como se deu o desenvolvimento na primeira infância (motricidade, linguagem, alimentação etc.), na infância intermediária e na pré-puberdade a depender da idade.
 - **História Patológica Progressiva:** investigar viroses comuns da infância, doenças, cirurgias ou acidentes.
 - **Sintomas da Infância:** compreender os medos mais

- frequentes e a forma como se manifestam, se há terror noturno, enurese ou outros distúrbios do sono etc.
- **Vida escolar:** investigar a escola e série que está atualmente, se houve mudanças de escola e como foram as adaptações, como foi o processo de adaptação na primeira escola, como é o rendimento escolar e relacionamento com professores e colegas, quais as aptidões especiais etc.
 - **Sociabilidade:** compreender como a criança lida com relacionamentos interpessoais, quais seus interesses e hobbies, religião etc.
 - **História familiar:** Além de compreender a história de vida da criança, é fundamental para o bom andamento do processo psicoterapêutico que o profissional busque também compreender o contexto familiar, tendo em vista que, em muitos dos casos, os sintomas vivenciados pela criança constituem-se em reflexos de uma dinâmica familiar.
 - **Pais:** primeiramente, checar informações como idade, ocupação, se houve recasamentos, questões de saúde e, em caso de falecimento, investigar a causa e data. Também cabe investigar o que os pais reconhecem em si como pontos positivos e de melhoria a fim de responsabilizá-los no processo, e quais as expectativas com relação a vida de seu filho.
 - **Irmãos:** idade, saúde, personalidade.
 - **Lar:** buscar compreender como é a atmosfera familiar, acontecimentos mais importantes e relações dos parentes entre si e com a criança.
 - **Rotina da criança:** Outro ponto a ser melhor investigado na entrevista inicial com os pais consiste na rotina da criança, assim como a participação deles nessa rotina e a percepção da criança sobre ela. Isso nos dá um panorama sobre o funcionamento da família, a forma como se organizam e a participação de cada cuidador na vida da criança.

Demanda

- Identificação
- Sintomas apresentados pela criança
- Acompanhamento dos sintomas
- Percepção da criança

História de vida da criança

- Nascimento e desenvolvimento
- História patológica pregressa
- Sintomas da infância
- Vida escolar e Sociabilidade

História familiar

- Pais
- Irmãos
- Lar

Rotina da criança

- Participação dos pais
- Percepção da criança
- Funcionamento e organização

1.2.2 A ENTREVISTA COM A CRIANÇA

No primeiro momento com a criança, é imprescindível que o profissional se ocupe de estar com a criança genuinamente. Para isso, deve-se “esquecer” um pouco a teoria e postergar as informações trazidas pelos pais ou pela escola, começando com a criança a partir de como ela se apresenta naquele momento, independentemente de qualquer outra coisa que tenha ouvido, lido ou mesmo diagnosticado. Por isso, o mais importante é que você esteja disponível para, antes de qualquer coisa, brincar. Assim, o uso de recursos lúdicos torna-se fundamental, você pode usar jogos, brinquedos, baralhos terapêuticos, livros, fantoches etc. Os passos abaixo irão te auxiliar a conduzir esse momento com mais leveza e segurança:

- **Estabelecimento do vínculo terapêutico:** Nesse momento, a criança está estabelecendo contato com alguém disposto a aceitá-la como é, sem julgamentos. O primeiro